

PRÁTICA EDUCATIVA: DIÁLOGO DE OCULTAMENTO E REVELAÇÃO NAS CARTAS DOS ADOLESCENTES INTERNOS DA FEBEM

Mary Fátima Gomes Rodrigues¹

¹Departamento de Ciências Humanas - Faculdades Integradas Regionais de Avaré, Fundação Regional Educacional de Avaré, Avaré, São Paulo, Brasil;

Resumo – O objetivo deste trabalho é mostrar, por meio da análise de onze cartas escritas por adolescentes infratores de uma unidade da FEBEM, um caminho das práticas pedagógicas e nelas captar o que era revelado e ocultado pelos alunos ao escreverem às suas mães, amigos e namoradas, considerando as condições sociais concretas nas quais foram produzidas: ambiente carcerário, censura, distância das pessoas de sua comunidade, sala de aula, relações estabelecidas, conflitos e silêncios. A utilização das cartas deu-se com a permissão dos alunos e de seus familiares e pertenciam aos arquivos pessoais da professora-pesquisadora por serem atividades desenvolvidas durante as aulas. A perspectiva teórico-metodológica assumida foi a Histórico-Cultural de Lev Vigotski e a Enunciativo-Discursiva de Mikhail Bakhtin, trazendo contribuições de outros autores que ampliassem as possibilidades de compreensão e análise do objeto de estudo. O caminho metodológico diz respeito aos fundamentos e processos nos quais se apóia a reflexão sobre: trajetória da pesquisadora; caracterização da instituição e dos internos e possibilidades de leitura das cartas produzidas. Foram construídos quatro núcleos temáticos para a análise das cartas: a) tentativa de aproximação com o outro; b) busca do reencontro; c) declaração de amor, do bem querer; d) arrependimento, pedido de perdão e promessa de mudança de vida. Mesmo vítimas da violência e da exclusão social, os meninos internos da FEBEM não estão destituídos de suas condições humanas de desenvolvimento, que estão apagadas, mas com marcas de possibilidades, reveladas e/ou ocultadas.

Palavras-chave – Adolescentes. Práticas Pedagógicas. Cartas. .

Abstract

The aim of this work is to show, by means of the analysis of eleven letters written by juvenile delinquents at a FEBEM unit, using a path of pedagogical practices which intends to capture

what was revealed and concealed by the students to write to their mothers, friends and girlfriends, whereas aware of the concrete social conditions in which such letters were produced: prison environment, censorship, distance from people in their community, classroom, established relationships, conflicts and silence. The use of letters took place with the permission of students and their families and belonged to the personal files of the teacher-researcher for activities carried out during the lessons. The methodological-theoretical perspective taken was the ones from Lev Vygotsky's historic-Cultural and Mikhail Bakhtin's Discourse, bringing contributions from other authors who expanded the possibilities for the understanding and the analysis of the object of study. The methodological path concerns to the fundamentals and processes on which rests the reflection about: trajectory of the researcher; characterization of the institution and of the inmates and possibilities of reading the letters produced. It was built four thematic groups for the analysis of letters: a) attempt to approach the other; b) search of reunion; c) Declaration of love("bem querer"); d) regrets, forgiveness appeal and promise of life-changing. Even victims of violence and social exclusion, such FEBEM boys are not deprived of their human conditions development, which are off, but with revealed or hidden possibilities.

KEYWORDS - FEBEM. Teenagers. Pedagogical Practices. Letters.

I. INTRODUÇÃO

A trajetória da pesquisadora na área da educação não começou com a entrada no mestrado. Muitas vezes estiveram presentes em sua vida, que a constituíram e continuam constituindo no que é e será. Considerando a vida de cada indivíduo como uma multiplicidade de vozes, repetimos com [2]:

Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma possibilidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Todo sentido festejará um dia seu renascimento (p.414).

Foi no diálogo com os autores, as experiências de vida e o desejo de compreender o que revelam e o que ocultam as cartas dos internos da FEBEM, alunos da pesquisadora, que utilizamos das palavras da língua para procurar compreendê-las. Palavras que como afirma [2]:

[...] não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo só as ouvimos em forma de enunciados individuais, só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence), em função do contexto individual, irreproduzível, do enunciado [...] (p.312-313).

Era preciso conhecer, observar, criar laços afetivos. Estava a pesquisadora diante de onze alunos cuja expectativa não parecia ser outra: sair dali, ir embora, ter liberdade. Eles foram revelando suas experiências vividas, as quais, quase ocultas, solicitavam um olhar e uma escuta apurados. Mais tarde o aprendizado: tratavam-se de um olhar e um escutar indiciários.

Domingo era dia de visita. Pais e alguns parentes previamente selecionados pela instituição, passavam algumas horas, no período da tarde, com os internos. Nestas horas, notícias corriam sobre as famílias, os bairros, os amigos: “[Fulano] foi pego pela polícia”; “Não tem comida em casa...”; “Sua vó está doente”; “Sua mãe não veio porque não tinha dinheiro para o ônibus”. Alguns não recebiam visitas, mas ouviam o que os familiares dos colegas falavam.

Notávamos uma agitação maior na segunda-feira quando do início da aula. As observações dessa agitação e o desejo de

entendê-la deixaram-nos mais atentos aos indícios que os alunos nos forneciam: comentavam se haviam ou não recebido cartas da família ou de amigos; alguns, por falta de notícias, queriam comunicar-se e saber o que estava acontecendo em casa ou no bairro; nas visitas alguns adultos perguntavam: “você recebeu carta de (...)?” Na segunda-feira questionavam os agentes de proteção: “onde está minha carta?”; “Cadê minha carta? Na visita falaram que alguém escreveu pra mim, cadê?”

Tomada uma decisão: todas as segundas-feiras organizar um tempo para a escrita de cartas, utilizando esse momento como parte do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, possibilitando significá-las como contato com pessoas que se encontravam do outro lado do muro que os separava de seus familiares e amigos.

Os que queriam responder às cartas recebidas pediam idéias do que escrever: “senhora¹, dá idéia do que escrevo!”. Os que não haviam recebido visitas nem cartas, comportavam-se de pelo menos duas maneiras diferentes: ou manifestavam-se querendo escrever ou mudavam de atividade – desenhavam, rabiscavam e, muitas vezes, deitavam na carteira, dando a impressão de estar dormindo.

Tais situações constituíram-se também na gênese das relações que foram se estabelecendo entre: professora, alunos - internos da Febem, leitura e escrita, família, amigos. E as cartas - gênero discursivo com tipos “relativamente estáveis de enunciados” [2] No caso desses alunos, comunicação entre os de dentro e os de fora; entre os que ficarão mais tempo dentro que fora e os que ficarão mais tempo fora.

Estava em gestação a pesquisa e “as cartas” tornaram-se o objeto de estudo: os modos de dizer, os discursos que circulavam nos momentos da escrita delas – as condições de sua produção – o momento da escrita e os indícios dos sentidos produzidos pela linguagem das/nas cartas – polissemia, aparente explicitação,

¹ De acordo com as regras da instituição, os meninos deveriam reportar-se à professora, chamando-a de “senhora”.

ocultamento, neologismos, dizeres próprios de seu grupo social, tanto de origem quanto de convivência temporária na Instituição. Nesta pesquisa, o interesse está nas cartas que caminham pelos atalhos da intimidade – aquelas que revelam e, ao mesmo tempo, ocultam fatos, sentimentos, desejos, verdades e mentiras, imaginação, conhecimento. Mundo do simbólico. A produção de sentidos que se dá sempre em um contexto histórico, em situações concretas de vida social como nos ensina Lev Vigotski em suas obras.

Cartas fazem parte das relações sociais dos meninos e, portanto, constituem suas subjetividades. “A essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade é o conjunto das relações sociais” [6]

Neste contexto, referimos às cartas de meus onze alunos internos da FEBEM, no período de Junho a Dezembro de 2003, nas aulas das séries iniciais do ensino fundamental, em classe multisseriada. Falamos, portanto, de relações de ensino e de cartas que são direitos garantidos legalmente aos infratores em regime de internação, como se pode ler no Estatuto da Criança e do Adolescente:

Parágrafo único. Durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas

Art. 124. São direitos do adolescente privado de liberdade, entre outros, os seguintes: a) corresponder-se com seus familiares e amigos; b) receber escolarização e profissionalização (p.36-37)²

O envolvimento com crianças e adolescentes dos grupos sociais menos favorecidos, em várias situações concretas de vida deles, foi referência para a prática educativa da pesquisadora e, ao estar diante dos alunos, em um regime carcerário, não foi diferente. Por isso houve medo de enfrentar as grandes dificuldades que se apresentavam a cada iniciativa de fazer, da sala de aula, um ambiente de coletividade e de trabalho, como ensina Anton Makarenko.

Os objetivos do estudo foram, portanto, identificar nas cartas e nas condições de sua produção, valores e comportamentos, sentimentos, significados, embates, resistências, confrontos, para tentar compreender a multiplicidade de vozes presentes nas cartas dos internos da FEBEM. Captar os efeitos de sentidos, considerando o processo de institucionalização com determinados significados/sentidos presentes no jogo ideológico das relações de força e de afeto que permeiam suas vidas.

O recorte realizado levou em consideração o caráter polissêmico da adequação às normas às quais estão submetidos os meninos e a resistência a elas, bem como as condições de produção, tanto da escrita das cartas quanto da situação de internos, de reclusos, por serem infratores.

Se levarmos em consideração as condições de vida dos meninos antes da reclusão - a infração, a marginalidade que foi se constituindo nas relações sociais, na pobreza, na escola. e na família como membros de uma sociedade excludente; se considerarmos as condições concretas de vida dentro da instituição, ao ser decidido que seriam internos numa fundação para o bem estar do menor - a punição, o afastamento, a censura, o policiamento, a guarda da vida do meninos sob uma aparente proposta sócio-educativa, as aprendizagens com os outros internos mais experientes, as referências de vida com as já existentes, a incorporação do fracasso, as alternativas encontradas para a sobrevivência, a escola que se diz ser Ensino Fundamental, mas que não consegue sê-lo, a distância, tanto da família, dos amigos e das namoradas como a da convivência em sua comunidade de origem, os modos de dizer sobre si, sobre o outro e sobre a vida, então, não é possível de maneira simplista e cheia de certezas, dizer que esses alunos escreviam cartas e que nelas estavam explicitadas todas as verdades, ou pelo menos as verdades assumidas pela moral burguesa. Este estudo procura refletir sobre dizeres que, ao mesmo tempo expressam possibilidades e limitações reveladas e ocultadas nas cartas que escreviam.

² Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Capítulo IV - Das Medidas Sócio-educativas. Seção VII – Da internação.

A Escola na FEBEM

Infratores e internos são obrigados a frequentar aulas do ensino fundamental, como direito, mas ainda não sabem ler e escrever ou, se sabem, o fazem com limitada competência. O que faz lembrar de Conceição Paganele³ quando afirmou que "A própria escola pública já não educa, imagine uma escola pública dentro da Febem. É uma escola de faz-de-conta". Disse também que "o jovem que consegue se desenvolver lá dentro tem sorte. (...) muitos saem das unidades semi-analfabetos como entraram, mas com o diploma de 8ª série. Eles não conseguem acompanhar a escola fora da unidade, aí, desistem".

Alguns dos alunos, por estar em processo de alfabetização, não realizavam sua escritura autonomamente, assim, estabelecemos um tempo em nossas aulas para redigir cartas para seus familiares e amigos, proporcionando um momento quase mágico⁴ de comunicação com os seus. Para os que ainda não escreviam sozinhos, a pesquisadora realizava a escrita (era escriba deles). Muitas vezes escrevia com eles.

Para não correr o risco de parecer que concebemos a linguagem como algo pronto, acabado e transparente, procuramos registrar o dito pelos aprendizes, que por meio de suas falas, revelavam-se como sujeito. Daí vale lembrar o que diz [7]: "O sujeito que produz linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes" (p.19).

É preciso assinalar que ler as cartas recebidas por eles, também passou a ser tarefa da pesquisadora – algumas vezes foi solicitada a ler as cartas recebidas, se bem que, na maioria das vezes, quem fazia isso eram os colegas já leitores.

³ Presidente da Associação de Mães e Amigos de Crianças e Adolescentes em Risco (AMAR), em entrevista à Revista Caros Amigos, Março de 2000, p. 30-36.

⁴ Chama-se de "mágico" pela transformação de feições, gestos, sons reveladores quase como as transformações que acontecem nas mágicas e que encantam a platéia.

Ao tornar-se rotina a escrita das cartas às segundas-feiras, estabeleceu-se um vínculo maior com os meninos que mais utilizavam desse momento e propondo um arquivo para o rascunho dessas cartas. Organizamos uma pasta para cada um deles a qual ficava em armário. Esta pasta era dividida em cartas enviadas e recebidas. As recebidas, os adolescentes escolhiam se gostariam de guardá-las em seus pertences ou se ficariam neste armário. As enviadas, procurávamos mantê-las no arquivo, mas nem todos concordavam e, claro não eram obrigados a isso. Três alunos costumavam oferecer seus rascunhos para guardá-los; outro, posteriormente, após sua mãe ter recebido as cartas, foram oferecidas para esta pesquisa e obtidas no próprio endereço da família.

Tendo como objetivo a análise de trechos das cartas desses alunos, os meninos internos na FEBEM, escreveram para suas mães, seus amigos e namoradas, no período em que a pesquisadora foi professora deles, como já anunciado. Os modos de organizar esses discursos foram escolhidos tomando como referência alguns núcleos temáticos. As leituras/releituras das cartas foram inúmeras; as possibilidades são tantas, que não seria verdadeiro dizer que tais núcleos saltaram à vista com facilidade ou se mostraram com clareza. O trabalho foi de "garimpar", de buscar pistas, fazendo-me lembrar de [4]: "O conhecedor da arte é comparável a um detetive que descobre o autor do crime, baseado em indícios imperceptíveis para a maioria" (p.145). O autor fala da perspicácia de Sherlock Holmes ao interpretar as pegadas na lama, as cinzas de cigarro, em busca de seu objetivo como detetive. Mesmo já tendo sido muito citado, o fragmento a seguir faz sentido para a pesquisadora na busca de detalhes ao ler as cartas: "se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la" [4].

Analisar as cartas dos meninos, mesmo que tenham sido alunos e deles tenha ficado perto, face a face, são outros – outros da pesquisadora, "impondo um caráter de desconhecido e imprevisível. "O outro se torna estrangeiro, pelo simples fato de eu querer estudá-lo" [1].

Caminhos da Análise

Vale lembrar que foram selecionadas onze cartas e que eram guardadas em um arquivo pessoal, como professora. Trechos foram escolhidos para a análise e alguns fragmentos referem-se aos mesmos autores, tanto na mesma carta como em cartas diferentes. Lembramos também que algumas cartas foram escritas sem a participação da pesquisadora com correções gramaticais e/ou ortográficas.

Os núcleos temáticos construídos para a análise foram: 1. A carta como tentativa de aproximação com o outro; 2. Busca do reencontro e a falta que sentem das pessoas que não estão presentes; 3. Declaração de amor, do bem querer; 4. Arrependimento, pedido de perdão e promessa de mudança de vida.

Os adolescentes internos da FEBEM utilizam-se das palavras da língua numa certa composição e organização que, de certa forma, parecem chamar pelas pessoas. Querem receber cartas delas, querem suas vozes, querem ser amados, mesmo não tendo certeza de um amor verdadeiro. Os trechos a seguir revelam e ao mesmo tempo ocultam desejos, medos, saudades, arrependimentos, promessas, amor...

Os Enunciados

“Quero sair desse barco cheio de grades e ver se encontro minha felicidade, que pode ser você! Porque, não adianta ter o mundo nas minhas mãos, mas não ter um amor de verdade.” (P.)

“... aqui somente Deus para te proteger e me dar forças para continuar seguindo em frente, não sei se você já ouviu o promotor, é só um homem. Deus é o juiz, e creio que ele é um juiz justo e nesse momento não tenho advogado aqui na terra, mas sim Jesus que iria me defender por cada segundo (V.)

“Aqui da parede fria da “FB”...” (P.)

“Desse mano que se encontra desse lado das muralhas.” (P.)

“Quando essa carta chegar em suas mãos espero que a encontre na mais pura paz e felicidade deste mundo” (P.).

“Sem data para que esta permaneça eternamente” (P.).

“Espero que quando esta humilde carta chegar em tua mãos você colega esteja paz ispiritual e com muita saude” (L.)

“Vontade grande de ir seus braso, te amar, te beija e sentir seu corpo quente au meu” (L.)

“... me deixou falando em uma resposta e mais outras fitas. Mas isso não me deixou abatido, pelo contrário fez com que eu enchergace que ela não era a mina certa para estar caminhando do meu lado, entedeu.” (P.)

“Me perdoe por qualquer coisa que fiz de errado para você (por favor)” (V.)

“Sair daqui e nunca mais voltar para esse lugar, nunca mais você irá chorar, pois contigo viverei.” (M.)

“Mãe” a lágrima que a senhora está chorando, um dia não chorará mais, pois contigo irei ficar, até “Jesus” voltar! (M.)

“Mãe” é “Mãe” (M.)

“Mãe não fique triste porque eu tenho fé em “Deus” e sei que ele vai me ajudar vencer todas as minhas dificuldades e em breve eu estarei com a sinhora porque esse é o meu sonho e seu que Deus vai fazer do meu sonho uma realidade.” (M.)

A linguagem é signo ideológico por excelência. E como tal, significa. “Possui significado e remete a algo situado fora de si mesmo” [2]. Criados pelos homens, os signos situam-se entre os indivíduos organizados que por meio deles se comunicam. É nos signos que a consciência individual e coletiva se constituem: “a consciência não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social” (IDEM, p. 35).

Se “cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados” [2], como captar os indícios dos enunciados anteriores que vêm das diversas vozes? Quem são os outros da comunicação verbal dos internos/infratores? Se não lidamos com palavras isoladas, mas com um enunciado que tem um sentido concreto – um conteúdo – que ao mesmo tempo é uma resposta, uma relação com outros enunciados, como identificar as relações estabelecidas entre os enunciados dos meninos? Que respostas a enunciados anteriores eles estão dando quando escrevem as cartas? Se o objeto do discurso não o é pela primeira vez em um enunciado, mas se já foi “falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras” (idem, p.319), onde se encontram/se cruzam as visões de mundo que tais enunciados

refletem e refratam? Como os meninos compreendem seus destinatários e o que presumem que será compreendido?

Os destinatários são os agentes que vão censurar ou aprovar o que está escrito? Sim e não. Os destinatários são as mães que, muitas delas, desesperadas esperam a "recuperação" dos filhos? Em conversas com algumas mães, por ocasião das visitas para pedir permissão de utilizar as cartas a elas encaminhadas, ouvi, várias vezes, a expressão da esperança, da confiança: "*meu filho vai sair de lá e não vai mais se meter com bandidos*"; "*ele vai sair recuperado*"; "*este tempo vai servir para ele pensar no que fez*"; "*ele está arrependido*" Estariam os meninos, sabendo disso, querendo consolar as mães? Estavam em seu imaginário acreditando que "nada será como antes?"

Prometer, pedir perdão, reconhecer o erro, expressar carinho, falar da fé e de Deus, dizer da saudade diminui a pena? A culpa? O aprisionamento dá mesmo uma vontade de liberdade que impõe prometer mudanças? Há uma ilusão de que, ao voltar, serão aceitos? É o que estou chamando de refletir e ocultar, dizer e não dizer, dizer de um certo modo.

Foi possível identificar que os meninos, já no início das cartas, mesmo utilizando-se de normas padrão para a escrita de cartas, anunciam de onde falam e que a distância não é fruto de uma viagem de lazer, mas uma distância imposta por condições cruéis de existência. A volta para junto das pessoas para quem escreviam dependia das penalidades e do tempo imposto por elas. Tempo que se conta de forma peculiar e por isso, nenhuma das cartas continha data. Por outro lado, dão indícios, com enunciados velados, do temor que sentem, mesmo mostrando-se tão valentes nas rebeliões ou conflitos. Utilizam das palavras da língua numa certa composição e organização que, de certa forma, parecem chamar pelas pessoas. Querem receber cartas delas, querem suas vozes, querem ser amados, sem mesmo saber ao certo se serão de verdade, como escreve P: "*... se me amar de verdade, escreva uma carta dizendo todo seus sentimentos, o que sente por mim.*"

Considerações Finais

Os quatro núcleos temáticos abordaram a carta sob diferentes aspectos, porém, complementares, compreendidos em seu contexto, em suas condições de produção: a carta como tentativa de aproximação com o outro e como busca do reencontro - o dizer sobre a falta que sentem das pessoas queridas que estão de um outro lado da mesma vida. Não se trata de uma distância qualquer, mas do lugar de onde falam – o cárcere. As cartas expressam o amor por aqueles que estão em liberdade, no "mundão" como dizem. Em suas falas, capta-se as pistas de que conhecem um "mundo a mais" do que aqueles que recebem suas cartas.

Se a educação e as circunstâncias concretas de vida social constituem a cada um de nós; se as condições adversas e perversas constituíram e vêm constituindo esses alunos internos na FEBEM, é preciso que acreditemos como [6] que a educação e as circunstâncias de vida são alteradas pelos próprios homens e que é preciso educar o educador. Não há uma essência humana abstrata: estamos encarnados na vida social. É dessa forma que posso dizer que estou no caminho da apropriação dos conhecimentos da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

1. AMORIM, M. O Pesquisador e seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2004.
2. BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992. BLANCK, G. Prefácio. In: Psicologia Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.
3. ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.
4. GINZBURG, C. Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
5. LUEDEMANN, C. S. Anton Makarenko: vida e obra – a pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
6. MARX, K & ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Hucitec, 1996.
7. ORLANDI, E. Discurso e Leitura. Campinas: Cortez/Unicamp, 2001.
8. PAGANELE, C. **Revista Caros Amigos**, Março de 2000, p. 30.